

Rumo a uma vida religiosa sinodal

Ignacio Madera Vargas, SDS

Cadernos de Estudo OLS N.º 008 | Setembro de 2025



Observatório
Latino-americano
da Sinodalidade

Rumo a uma vida religiosa sinodal

Ignacio Madera Vargas, SDS



Observatório
Latino-americano
da Sinodalidade

Cadernos de Estudo OLS N.º 008 | Setembro de 2025

Cadernos de Estudo OLS • N.º 008 • Setembro de 2025

ISBN: 978-9915-9843-0-8

Título original: *Hacia una vida religiosa sinodal*

* * *

Conselho Observatório Latino-Americano da Sinodalidade

Agenor Brighenti

Silvia Cáceres

Moema Miranda

Alejandro Ortiz

Carlos Schickendantz

Autor

Ignacio Madera Vargas, SDS

Direção editorial

Óscar Elizalde Prada

Rosario Hermano

Tradução e Revisão de estilo

Óscar Elizalde Prada

Projeto gráfico

Giovanny Pinzón Salamanca

Design e diagramação

Milton Ruiz Clavijo

Capa

Milton Ruiz Clavijo

© 2025, Observatório Latino-Americano da Sinodalidade

Juana de Arco 3324 – CEP 11700

Montevideu – Uruguai.

Telefone: (598) 99 177 138

E-mail: observatoriosinodalidad@gmail.com

www.observatoriosinodalidad.org

O Observatório Latino-Americano da Sinodalidade é liderado pela Fundação Amerindia e conta com o apoio da Porticus. Esta publicação pode ser reproduzida citando a fonte.

Como religioso, estou incluído no conteúdo lógico de tudo o que proponho, tanto do que é realidade do presente quanto do que é desejo ou utopia a ser perseguida a partir de agora; ou seja, estou autoimplicado na medida em que o estilo de vida em que vivo o cristianismo é a vida religiosa na Igreja Católica.

Proponho-me refletir sobre os desafios aos quais uma vida religiosa sinodal é chamada a responder em termos de: a autocompreensão de seu ser na Igreja, as relações *ad-intra* e *ad-extra*, o exercício da autoridade e a renovação das estruturas.

A vida religiosa sinodal pressupõe dois tipos de processos: pessoais de recuperação de seu sentido a partir do seguimento contextualizado de Jesus Cristo e processos institucionais de renovação de estruturas.

Rumo a uma vida religiosa sinodal

I. Pressupostos

Permito-me expressar os pressupostos com os quais ofereço esta reflexão porque a cada dia me convenço mais da impossibilidade de reflexões assépticas, que não pressupõem algumas afirmações que apontam convicções. Fiel, então, a essa intencionalidade, vou apresentar aqueles com os quais me aproximo ao refletir sobre uma vida religiosa sinodal.

O primeiro é um fato existencial. Como religioso, estou incluído no conteúdo lógico de tudo o que proponho, tanto do que é realidade do presente quanto do que é desejo ou utopia a ser perseguida a partir de agora; ou seja, estou autoimplicado na medida em que o estilo de vida em que vivo o cristianismo é a vida religiosa na Igreja católica¹.

Em segundo lugar, considero que, no caso da América Latina, uma das instituições da Igreja que mais se abalou, teológica e praxeologicamente, por ocasião do Concílio Vaticano II e, no caso

latino-americano e caribenho, da leitura que dele fizeram as conferências episcopais latino-americanas, foi a vida religiosa a partir de suas bases e seus organismos de animação, como a Confederação Latino-Americana e Caribenha de Religiosos e Religiosas (CLAR), as conferências nacionais de religiosos e religiosas, e a maioria das comunidades em particular. Um papel muito importante neste processo foi desempenhado pelas equipes de teólogos e teólogas, assessoras dessas instâncias.

Em terceiro lugar, a convicção de que a teologia da vida religiosa no continente e as buscas por assumir com coragem e ousadia as presenças proféticas nas margens e nas situações de marginalidade tiveram na vida religiosa feminina o baluarte e a profecia esperada, porque o clericalismo dos homens ordenados, ou a profissionalização especializada dos não ordenados, os tornaram pouco entusiastas em participar de congressos e eventos nos quais se produz teologia e se apontam rumos de presenças e compromissos alternativos. Não se excluem dessa indiferença as propostas do papa Francisco em relação à sinodalidade como modo de ser da Igreja do presente e do futuro.

À luz do exposto, proponho-me refletir sobre os desafios aos quais uma vida religiosa sinodal é chamada a responder em termos de: a autocompreensão de seu ser na Igreja, as relações *ad-intra* e *ad-extra*, o exercício da autoridade e a renovação das estruturas. Com o acima exposto, estou deixando claro que a vida religiosa sinodal pressupõe dois tipos de processos: pessoais de recuperação de seu sentido a partir do seguimento contextualizado de Jesus Cristo e processos institucionais de renovação de estruturas.

2. Autoconhecimento

A teologia da vida religiosa tem uma especificidade original. Trata-se de teologizar sobre um estilo de vida, não de uma conceitualidade teológica ou de fazer hermenêutica de uma confissão de fé, trata-se da hermenêutica de uma maneira de viver na Igreja que surgiu em sua história como um dom do Espírito, buscando radicalizar a resposta à vocação à vida cristã a partir de aspectos particulares que, do conjunto da revelação, especialmente a revelação neotestamentária, os fundadores e fundadoras destacaram para seu grupo de seguidores.

Daí que o Concílio Vaticano II, em *Perfectae caritatis*², tenha indicado claramente os critérios para uma renovação adequada da vida religiosa: o retorno à Escritura e o retorno à intencionalidade original dos fundadores, à luz das realidades do mundo presente.

O Vaticano II e as conferências de religiosos, não apenas da América Latina, mas também dos Estados Unidos e Canadá, Europa, Ásia, África e Oceania, levaram a sério, a partir de suas respectivas identidades contextualizadas, o chamado à renovação. Isso supunha superar compreensões da vida religiosa que se solidificaram ao longo da história da Igreja, que a definiram como um “estado de perfeição” chamado a uma *fuga mundi* para viver no mundo da transcendência sem se contaminar da imanência, unido a uma hierarquização que levou a duas modalidades de ser religioso: as freiras de coro e as irmãs leigas, os monges irmãos e os monges ordenados, e as comunidades clericais com irmãos leigos sem os direitos dos clericais, mas com tantas obrigações e mais do que eles. Na verdade, a mudança da vida religiosa implicou a supressão dos leigos e das leigas e a formação unificada entre ordenados e não ordenados, até alcançar, com o papa Francisco,

a igualdade de todos nas comunidades clericais³. Já havia sido alcançada a anulação das diferenças entre as irmãs de coro, consideradas superiores às leigas.

Avançar rumo a uma vida religiosa sinodal implica uma mudança na compreensão que evita todo perfeccionismo para se colocar na condição de seguidor ou seguidora de Jesus Cristo a partir da vocação batismal comum. A busca da perfeição não é exclusividade dos religiosos, mas um chamado evangélico a ser como o Pai na vocação comum de seguir Jesus Cristo (cf. *Mt* 5,48). A vida religiosa sinodal identifica-se assim como um estilo de vida na dinâmica dos diferentes estilos de vida que nos oferece a experiência evangélica. Um é o estilo das multidões que o seguiam, outro é o das mulheres que se ocupavam do apoio aos próximos de Jesus⁴, outro é o dos discípulos, os Doze (cf. *Mt* 10,2-4); mas nenhum desses estilos é considerado onticamente superior, porque não será assim entre nós: quem quiser ser o primeiro, que se faça servo de todos (cf. *Mt* 20,25-27). A vida religiosa se identifica como peregrina junto ao resto dos cristãos na busca de se apaixonar pelo Reino e pela humanidade⁵.

O anterior pressupõe uma valorização das intencionalidades originais do carisma, da espiritualidade e da missão legadas pelos fundadores que desenham o próprio do religioso ou religiosa e não fazem diferenças ontológicas de um “mais cristão” ou de um estado superior ao resto dos cristãos. Aqui cabe citar a bela expressão do papa Francisco: “ninguém foi batizado bispo, nem padre, nem freira, todos são fiéis cristãos”⁶, para indicar o caráter sinodal de um estilo de vida que se iniciou na história como uma busca pela radicalização da resposta ao chamado para seguir Jesus Cristo, mas que hoje, a partir de uma perspectiva sinodal de

“caminhar juntos” como povo santo fiel de Deus, não suporta hierarquizações na autocompreensão do ser religioso ou religiosa.

O que foi dito não esbate o valor do nosso estilo de vida, mas o situa no mais genuíno de suas raízes evangélicas e da pluralidade dos dons do Espírito à sua Igreja, um deles é o dom da vida religiosa para ser nela o que Johan Baptist Metz expressou com singular maestria: viver no cume da profecia o projeto cristão para assim marcar a grande Igreja em suas buscas renovadoras, ao lado, entre e com o povo santo fiel de Deus, do qual faz parte⁷.

Compreender-se no caminho como os discípulos de Emaús é assumir as confusões deste momento em que assistimos à redução significativa do número de vocações para a vida religiosa — sobretudo feminina —, ao envelhecimento e ao risco de se declarar vencida e chamada à arte de bem morrer diante do fechamento de tantos conventos, colégios e obras apostólicas gigantescas de ontem⁸.

Podemos nos sentir confusos porque nem sempre superamos a mentalidade da cristandade, acreditando que o número de membros é o que indica vitalidade, e não o entusiasmo pela missão e o não se declarar vencido, como tem sido o testemunho singular de um Papa religioso que nos interpelou, gerando esperança, independentemente da idade ou das limitações físicas assumíveis. Mais do que continuar discutindo pelos caminhos da vida atual sobre os males que a afligem, este estilo de vida evangélico deve tomar cada vez mais consciência de que ouvir o apelo do Ressuscitado para tomar nas mãos o mundo do presente é o que pode fazer com que o coração arda e da angústia pelo número a vida religiosa sinodal passe ao sabor agradável de escutar os sussurros do Espírito, neste momento particular da história que é o seu.

Trata-se de realizar processos pessoais de autorregeneração da condição de seguidores e seguidoras de Jesus em povo, em comum unidade com os leigos, a partir de uma saudável e generosa intercongregacionalidade que unifica forças e recupera o otimismo, que convida ao desenvolvimento de uma profunda confiança em Deus, pela escuta, o discernimento e a profecia renovada, evitando desconfiar em relação à juventude e suas modalidades digitais, as tecnologias geradoras de novas dependências e os desafios do desenvolvimento das ciências⁹.

A fé é uma maneira de se posicionar diante da incerteza, de modo que o amor seja sempre renovado na esperança e na certeza de que o que deve permanecer não são as instituições, mas o carisma que é dom para a Igreja e que o Espírito pode suscitar outras modalidades de expressão e vivência capazes de renovar todas as coisas. Novidades que podem superar os modelos atuais em direção a outras formas de associação e compromissos a partir do próprio chamado a viver o carisma, a espiritualidade e a missão. É essa dimensão da ação do Espírito que dinamiza uma busca de conversão junto a todos aqueles e aquelas que, como nós, a partir de seus estilos de vida particulares, buscam e encontram Deus.

3. Relações

Os votos de pobreza, castidade e obediência têm sido as três dimensões que caracterizam a vida religiosa e nas quais se concentrou grande parte da reflexão teológica sobre ela. Uma vida religiosa sinodal é chamada a superar o foco nos três votos para como sua exclusividade, para se abrir à compreensão deles como um estilo de seguir Jesus que, a partir da condição batismal, como parte do povo santo de Deus, se realiza na vida cotidiana estimulada e

animada pela paixão por Cristo e pelo Reino, e os votos são expressão dessa opção fundamental, já que todo cristão é chamado a viver a pobreza como opção pelos pobres, a obediência à vontade do Pai e a castidade como maneira evangélica de amar em liberdade. Os votos não são exclusividade da vida religiosa, mas sim sua maneira específica de vivê-los como um estilo de vida evangélico com seus acentos e peculiaridades carismáticas.

Uma vida religiosa sinodal realiza-se, então, em comunhão com todos os outros estilos de vida na Igreja, buscando com todos aqueles e aquelas que, com o mesmo espírito e as mesmas intenções, se comprometem com a humanização, a defesa da criação e com tudo o que antecipa o Reino desde já; por isso, aberta a compartilhar os carismas com os leigos que se sentem chamados e chamadas a isso e a unir suas forças e colocar seus dons a serviço da comunhão com bispos, presbíteros e leigos e leigas em uma sintonia em chave de missão.

Uma vida religiosa sinodal se realiza no contexto atual de liquidez e superficialidade¹⁰ de neoconservadorismos que também a afetam e se consolida como um estilo de vida alternativo aos “mundos” deste tempo, e onde a *fuga mundi* de ontem é compreendida como impossibilidade de contemporizar com os sistemas de desigualdade e injustiça gerados pelo capitalismo neoliberal que mata.

Para onde apontar em um tempo líquido? Vou me permitir voltar à vida para lhes dizer para onde considero que o Espírito nos aponta os caminhos da sinodalidade.

Uma vida religiosa que se interessa pelo que acontece no mundo e em seu país, que analisa e questiona, se vincula a outras pessoas que lutam pelos direitos humanos, pela defesa incondicional da

vida, pela preservação da criação. Quando sabe tocar a dor e se aproximar da margem onde a vida se cozinha e murcha pela pobreza, pela dependência química, pela prostituição, pela prisão, pela doença terminal e tabu, pela rua e pelo desemprego, então não é a obrigação de optar pelos pobres à força que a leva a agir esquecendo sua própria condição de classe, mas a escuta dos rumores dos ventos do Espírito, desde o olho do furacão dos favoritos do Reino. Descer da varanda da discussão sobre a legitimidade ou não da opção pelos pobres para entrar nos caminhos onde os “Cristos quebrados” e sofredores das ruas e campos exigem uma presença de amor que renuncia à ideologização e se compromete na luta para tirar os pobres da cruz.

Quando um irmão religioso jovem ou adulto, maior ou idoso, mantém a paixão mística de ver Deus em tudo e por tudo. Quando rezar não é o fardo sem apoio de uma obrigação diária, mas a ocasião sem igual de se encontrar na intimidade consigo mesmo e com o Pai, de entregar sua vida, suas dores, suas esperanças e ilusões, seu amor. Quando sabe ir para o deserto por iniciativa própria e não porque lhe mandaram, quando se cala para ouvir as palavras de Deus a partir das realidades mais fluidas e desesperantes, quando não foge dos desafios de um relativismo mórbido, colocando na profundidade do sacrário ou na beleza de uma flor, ou na imensidão de uma planície, o altar de sua própria vida e a encantadora paixão de uma espiritualidade que torna sublime, então está sendo uma mulher ou um homem do Espírito que não se deixa sacudir para cá e para lá como uma cana batida pelo vento¹¹, mas se deixa cair nos braços de seu Salvador.

Uma vida religiosa que, nos terceiros mundos, mas igualmente em todos os mundos, abre sua rede de relações *ad extra* pensando em comunidade e discernindo com sereno realismo sobre as

possibilidades de seu contexto, para buscar seu compromisso e sua projeção a partir de seus carismas, e planejar e buscar a colaboração de muitos outros, quando abre sua visão e experimenta novas metodologias e novas estratégias, encontra tempo para se reunir e buscar, além das ocupações de cada um; quando os pobres a apaixonam porque sente alegria em ser companheiros de seu desenvolvimento e progresso; quando se sente à vontade rodeada de operários, vendedores ambulantes, trabalhadoras domésticas, empregadas e camponesas de cidade, então algo do Espírito está soprando e não é a rigidez de alguns cânones ou o cumprimento frio de uma norma que sustenta a vida.

E quando, apesar de todas as rejeições, calúnias, decepções, invisibilizações que podem vir da instituição, um religioso permanece fiel, serenamente fiel, continua na luta e não se intimida, supera suas dores na serena clareza de estar buscando a Deus; suportada com dignidade porque compreendeu o que significa oferecer a outra face, ergue-se verticalmente diante de tantas injustiças repetidas. Então temos que dizer que o Espírito que suportou o Mestre e lhe deu a força para se levantar e ler o rolo do profeta Isaías, continua gerando admiração porque a Escritura continua se cumprindo hoje (cf. *Lc 4,18*). Continua a permanecer a palavra eficaz que indica que alguns, apesar dos ventos furacões do fluido e do desprezível, permanecem presos ao barco e continuam remando em direção ao mar.

Diante do que é oferecido como vida líquida, no interior da sociedade, da Igreja e da vida religiosa, permito-me sugerir uma alternativa que, por exigente, não se consolida como estranha: deixar a vida fluir no Espírito. Não é recorrendo à modernidade do passado das grandes narrativas e dos absolutos imóveis que podemos viver uma existência feliz em tempos de oscilações insuportáveis,

mas desenvolvendo em profundidade a paixão mística pelo Reino pregado pelo Senhor Jesus Cristo. Não é contemporizando com o temporal e a relatividade, mas impulsionados e dinamizados por uma força maior do que o possível, a força do Espírito que nos tem mostrado os caminhos e revelado onde estão as verdades.

Então, os desafios do Espírito vão em direção a uma recuperação do sentido fundamental da fé como sentido maior, além dos dogmatismos e das crenças cegas. O Espírito ordenador do caos: esse é o desafio! O Espírito que está para nos abrir os olhos e os ouvidos para ver e ouvir. Para ver sem nos assustarmos com as mentiras e enganos de tantas bugigangas que se oferecem como dadoras de sentido: o prazer do instante, o prazer exorbitante, o conforto, o relaxamento, a perda do tempo útil.

O Espírito recriando as obsessões e as afeições psicológicas que geram tanta repressão e tanta desorientação do norte fundamental da fé e da vida religiosa: tornar presente o Reino, buscar outro mundo possível, outro país, outro bairro, outra casa religiosa, outra Província, outro Instituto... mesmo que não se queira, mesmo que se tenha que sangrar e sofrer, calar e gritar. Tudo tem seu tempo, nos lembra a tradição da sabedoria na Escritura (cf. *Ecl* 3,1-15). E o tempo do Espírito é aquele em que a leveza de tanta mediocridade só pode ser arrastada pelo vento incontrollável de uma espiritualidade que dinamiza, impulsiona, plenifica, cura e compromete com ilusão e esperança.

E isso não é um engano diante do presente, mas a grande possibilidade que se nos abre, pela sinodalidade, de não ceder às forças que defendem um retorno ao passado, uma recuperação da regra estrita, do convento austero, das vestimentas, ritos e cerimônias em línguas incompreensíveis, do refúgio na segurança que vem

daqueles que nos fazem viver segundo seu modelo estabelecido. Liberdade, a grande liberdade do Espírito para viver com gratuidade e paixão. Porque queremos, porque nos encanta, porque nos fascina, porque estamos bem dentro da nossa pele, apesar de todos os rios transbordados, desabamentos e lágrimas.

A grande Igreja que continua sua marcha está sendo sacudida por fenômenos dolorosos e lamentáveis, mas a punição não é o remédio mais eficaz, e sim o retorno à fonte do Espírito, recriando sua santa Igreja, purificando-a pelo arrependimento e pela correção, enviando-a novamente às ovelhas perdidas da casa de Israel, recuperando sua condição de peregrina e sua humilde identidade de serva do Reino. É descendo dos lugares de honra, das dignidades, dos ornamentos que a rigidez de um passado que tudo resolvia com a racionalidade nunca poderá recuperar. Os ventos de esperança que, como a brisa suave de Ezequiel, esperamos que sejam o sussurro de Deus com as medidas reais de transformação das cúrias e nomeações nas instâncias hierárquicas e nos órgãos de governo das comunidades religiosas (*1Re 19,3-15*).

Pelo que foi dito, compreendemos que a relação de autoridade não reside na encarnação da vontade de Deus em uma pessoa, seja ela superior ou superiora, animador ou animadora, mas no diálogo, no consenso, no discernimento e na comunhão que indicam para onde vai a vontade de Deus, gerando unidade a partir da diversidade de origem, raça, identidades, em uma realização da condição de criados criadores à imagem do Deus comunhão-unidade na trindade das pessoas diversas e uma. A relação de autoridade a partir de uma sinodalidade não tem outro lugar de realização senão a escuta atenta do outro ou da outra para discernir em comum a unidade, animadores e irmãos, por onde caminhar

na consolidação de comunidades compostas por pessoas adultas, capazes de viver a própria liberdade com responsabilidade.

A vida religiosa deve percorrer o caminho da superação dos religiosos e religiosas que se sentem com o poder de mudar isto e aquilo sem dialogar ao longo do caminho da vida, sem reconhecer os preconceitos e cancelar as contendas, sem saber o que se passa no interior da vida do irmão ou da irmã. Em vista da missão, é necessário superar alguns costumes que se tornaram habituais na vida religiosa. Não se trata de mudar por mudar, porque se cumpriu um período ou dois, mas incentivar e cultivar uma certa permanência que consolide os resultados de uma missão, por respeito ao povo santo e fiel de Deus e aos seus processos. Daí que a voz dos destinatários da missão deve contar no que se refere a mudanças de local e supressão de presenças apostólicas. Isso deve sempre contar com o consenso e o discernimento em que o povo de Deus também tem uma palavra a dizer e não apenas as instâncias de governo da comunidade religiosa.

A autoridade, de uma perspectiva sinodal, exclui toda forma de poder como dominação ou capacidade de conseguir o que se quer pela força ou pelo cargo que se ocupa. Pressupõe a consciência de que não pode ser à maneira dos chefes das nações que dominam; que a primazia do serviço é o que gera autoridade naqueles que têm responsabilidades de animação nas comunidades locais ou provinciais; que toda pretensão de determinar a vida dos outros e gerar rivalidades e preferências por convergências ou divergências ideológicas é contrária ao sentido fundamental da relação de autoridade, que deve estar fundamentada na ternura como modo sinodal de relação entre os irmãos e as irmãs na vida religiosa.

4. Renovação das estruturas

Uma vida religiosa sinodal não confunde renovação com reforma. Renovação é realizar na vida cotidiana — como pessoas — e na vida institucional — como comunidade — o que ainda não foi feito para sermos homens e mulheres de escuta atenta, de discernimento e de paixão pela missão de tornar presente o Reino desde já, da construção de comunidades joviais, alegres, capazes de trabalhar em equipe a partir da riqueza que traz a diversidade de carismas e dons dos irmãos e irmãs.

Por isso, as estruturas formativas são as que devem ser renovadas prioritariamente, para que favoreçam o desenvolvimento de religiosos capazes de administrar sua liberdade com responsabilidade, animados por comunidades formativas e planos elaborados em colaboração mútua entre formadores e formandos e em coerência com a necessária formação contínua de todos os integrantes de uma Província ou unidade. Torna-se evidente, então, que a formação a partir de grupos provoque a transição para uma formação personalizada, baseada em processos de acompanhamento que retomam a tradição do mestre ou da mestra, do Espírito que caminha ao lado de seu irmão ou irmã pelo caminho ilusionado de se configurar com Cristo e viver a eclesialidade a partir da comunhão que assume a missão com a alegria do Evangelho¹².

Sinodalmente, a promoção vocacional centra-se no testemunho vital de cada religioso ou religiosa pela sua capacidade de diálogo aberto e franco, pela sua capacidade de ouvir as novas inquietações das novas gerações, na clareza, igualmente, de que nem todos são para este estilo de vida.

Na leveza da bagagem e na criatividade e inventividade dos fundadores, tantas vezes incompreendidos pelas estruturas sociais, políticas, econômicas e eclesiais vigentes em seu tempo, alimenta-se a experiência de modalidades leves e estimulantes de vida em comunidade, na qual a missão é realizada a partir da opção inevitável pelos pobres e excluídos, que são reflexo do rosto sofredor de Cristo, o Senhor¹³. Todo esse peso de horários rígidos, vigilâncias e permissões é substituído pela confiança mútua, pela responsabilidade compartilhada, a abertura aos leigos e leigas, e a atenção às novas formas de alienação que vive a humanidade contemporânea, para ser ali presença profética pela autoridade que confere aquele que é confessado e pregado, correspondendo ao que é vivido e testemunhado no dia a dia.

Essa necessária renovação das estruturas nos torna conscientes de uma realidade evidente: vivemos a urgência de novas presenças da vida religiosa, que desafiam na experiência comunitária a romper com mentalidades e modos de agir que tornam nossas expressões de oração gestos vazios e sem conteúdo, rotineiros e estereotipados. A nova época de que nos fala Aparecida (cf. *DAp* 44) se apresenta como aberta à experiência religiosa de outra maneira. Daí que a vida religiosa esteja sendo chamada a uma recuperação da narrativa, do simbólico, do poético. De um discurso que, partindo da realidade mais rasteira, seja capaz de contar histórias e expressar experiências, de dizer o que se faz e não tanto de criar uma distância intransponível entre o que se diz e o que se faz.

E então, a vida comunitária se torna profecia quando uma comunidade tem objetivos comuns, metas e ideais comuns, quando é constituída por homens ou mulheres capazes de estar abertos a serem corrigidos e educados pelos outros, em abertura e disponibilidade para serem moldados pelo feminino e pelo masculi-

no, para superar o machismo e os resquícios que subestimaram a mulher religiosa, a fim de recuperar a ilusão de uma vida com sentido no hoje da santa Igreja, e isso implica que nos animemos com a ilusão de ser aqueles e aquelas que diariamente recorrem à oração com entusiasmo e confiança, porque temos a certeza de que o Senhor viu a nossa aflição e vem libertar-nos dos nosso cansaço, do nosso tédio, das nossas falhas, sem procurar culpados.

Mulheres e homens abertos, sinceros, francos, felizes por compartilhar suas vidas com os outros, por conhecer as histórias dos irmãos e ser parte estimulante e vivificante dessa mesma história, que vão à profundidade espiritual que dá calma, que acalma os espíritos e enche de paz e esperança. Contemplativos em meio ao fragor da vida, sabemos entrar à tarde ou à noite, pela manhã ou ao meio-dia, no silêncio que convida à intimidade com o Senhor e lá arrancar do coração de Deus tudo o que precisamos para viver a ilusão de nossa entrega em comunidades sinodais fraternas e comprometidas com a missão.

Notas

- 1 _____ Para a questão do auto-envolvimento, cf. EVANS, D.D. (1963) *The logic of self-Involvement: a philosophical study of everyday language*, SMC Press.
- 2 _____ Cf. *Perfectae caritatis* 1.
- 3 _____ Cf. Recripto do Santo Padre Francisco sobre a revogação do Cânon 588-2 CIC. 18 de maio de 2022.
- 4 _____ Cf. TUNC, S. (1999). *También las mujeres seguían a Jesús*. Santander: Sal Terrae.
- 5 _____ “Paixão por Cristo, paixão pela humanidade” foi a motivação fundamental do Congresso da Vida Religiosa celebrado em Roma por ocasião do início do terceiro milênio.
- 6 _____ Carta do papa Francisco ao cardeal Marc Oëllet, presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina, 19 de março de 2016.
- 7 _____ METZ, J.B. (1978). *Las órdenes religiosas*. Barcelona: Herder.
- 8 _____ Cf. HOSTIE, R. (1973). *Vida y muerte de las órdenes religiosas*. Bilbao: Desclee de Brouwer.
- 9 _____ Esses aspectos também são destacados no documento enviado pela CLAR à Secretaria Geral do Sínodo: *Rumo a uma vida religiosa sinodal e missionária*. Da mesma forma, a CLAR realizou um seminário virtual sobre “Novas lideranças sinodais na vida religiosa”, com a contribuição de teólogos e teólogas da equipe de assessores da presidência e outros.

- 10 Z. Baumann caracteriza este tempo como líquido e G. Lipovsky como leve. Cf. BAUMAN, Z. (2007). *Tiempos líquidos*. Buenos Aires: Tusquets editores; LIPOVETSKY, G. (2016). *De la ligereza*. Barcelona: Anagrama.
- 11 Francisco Jordan, fundador dos Salvatorianos y das Salvatorianas expressa assim o sentido maior da fé e da confiança em Deus. Cf. JORDAN, F. *Diario espiritual*.
- 12 Desenvolvi essa ideia mais amplamente em meu libro *Conversaciones en el camino* (2015). Bogota: San Pablo.
- 13 Expressão adotada pelas Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano em Puebla (1979) e Aparecida (2007) para falar da opção pelos pobres como opção por Cristo: por Cristo aos pobres e pelos pobres a Cristo.

Ignacio Madera Vargas, SDS



Colombiano. Sacerdote religioso da Sociedade do Divino Salvador (Salvatorianos), licenciado em Filosofia e Letras pela Universidade Javeriana de Bogotá (Colômbia), licenciado e mestre em Teologia pela Universidade Javeriana de Bogotá (Colômbia), doutor em Teologia e Ciências da Religião pela Universidade Católica de Lovaina (Bélgica). Lecionou em várias universidades da Colômbia e escreveu

numerosos livros e artigos acadêmicos. Também foi membro e coordenador da Equipe de Teólogos Assessores da Presidência da CLAR e presidente da mesma no período 2006-2009. É membro da Amerindia Colômbia.

Proponho-me refletir sobre os desafios aos quais uma vida religiosa sinodal é chamada a responder em termos de: a auto-compreensão de seu ser na Igreja, as relações *ad-intra* e *ad-extra*, o exercício da autoridade e a renovação das estruturas.

A vida religiosa sinodal pressupõe dois tipos de processos: pessoais de recuperação de seu sentido a partir do seguimento contextualizado de Jesus Cristo e processos institucionais de renovação de estruturas.



Observatório
Latino-americano
da Sinodalidade

ISBN: 978-9915-9843-0-8



9 789915 984308